

OS MAPAS NA TELEVISÃO PORTUGUESA (RTP)

O impacto da televisão é um fenómeno que tem sido amplamente discutido e analisado; frequentes sondagens de opinião permitem testar, com certa regularidade, a sua audiência. Em certos programas, a determinadas horas, a maioria dos portugueses olha para essas «...pequenas janelas que (...) abrem para um espaço exterior fascinante e impingem a todos a mesma visão do Mundo» (S. DAVEAU, 1984, p. 252). É o caso, entre outros, dos programas de carácter informativo, aqueles que nos interessa aqui referir: as amostragens realizadas apontam para audiências de quase 65 % no que respeita ao *Telejornal* e um pouco menos ao fim-de-semana (62 e 58 %, ao sábado e ao domingo, respectivamente) ⁽¹⁾. Noutros programas, em que é usual aparecerem mapas, o número de telespectadores diminui, como acontece na previsão do tempo (com cerca de 54 %) e no *Telemundo* (25 %).

O número de conceitos geográficos e o modo como eles são veiculados nas emissões televisivas deixam muitos geógrafos apreensivos. A. KOLÁČNY, por exemplo, publicou, em 1971, uma síntese curiosa das pesquisas que realizou em Praga de 1967 a 1969. O autor analisou o conteúdo da imprensa diária, da rádio e da televisão na Checoslováquia (nalguns casos comparando com outros países), em termos dos conceitos geográficos fornecidos. A proporção indicada variava de 6 %, no caso da televisão, a um máximo de 15 %, nos jornais, correspondendo a uma média diária de 150 a 300 daqueles conceitos. Só uma parte foi considerada explicada pelos manuais e atlas escolares que estavam na base da preparação fundamental do cidadão comum. Cerca de 30 % das noções analisadas nos órgãos de comunicação social seriam desconhecidas da grande maioria, o que levou o autor a concluir que, nos nossos dias, dado o grande número de informações dessa natureza que continuamente entram em contacto com o Homem, o mapa é o melhor meio de transmitir esses conhecimentos, de forma mais independente e sistemática.

Sucede que os mapas apresentados através do pequeno *écran* da televisão atraem, pelo menos no caso português, a observação de um grande número de pessoas. E isto, de uma forma que se pode considerar quotidiana. Contudo, a leitura (e também a elaboração) desses mapas levanta vários problemas, de que daremos alguns exemplos, tendo em conta, sobretudo, que as condições de exposição visual televisiva diferem substancialmente das de observação directa de mapas impressos.

O tempo de exposição da imagem é um dos factores fortemente condicionantes da leitura. Alguns segundos apenas ligam os telespectadores aos mapas; geralmente menos de 30 segundos, salvo em certos casos, como na previsão do tempo. Tal período é muitas vezes determinado pela duração da notícia exposta verbalmente ou ainda por qualquer outra razão, como, por exemplo, a necessidade de quebrar a monotonia do

⁽¹⁾ Sondagem efectuada por uma empresa especializada (NORMA) para a RTP, em Março de 1987.

discurso. Todavia, o tempo de exposição raramente está dependente da sua complexidade. Verifica-se, mesmo, que é mais frequente a apresentação de mapas em noticiários emitidos em períodos de menor audiência (telejornal das 23 horas, por exemplo); a sua utilização serve como paliativo à falta de reportagens ou entrevistas.

A distância e o ângulo de observação, as condições ambientais (sobretudo de iluminação), o tamanho e as características do *écran* de cada um dos telespectadores são outros tantos factores com influência no que é visto. O próprio observador tem frequentemente outras actividades ou áreas de atenção que o levam a não fazer uma leitura normal dos mapas. Isto é, a sua percepção é fragmentada e intermitente.

Os mapas transmitidos devem necessariamente apresentar características particulares, não só porque a sua observação decorre num tempo muito reduzido, como ainda porque é acompanhada por estímulos de outra natureza (auditivos), que cada indivíduo tem de elaborar conjunta e rapidamente. Acontece ainda que as imagens se sucedem a um ritmo tal, que não torna possível a revisão do que não foi completamente visto ou percebido. Por isso mesmo, dada a sucessão vertiginosa das imagens, os mapas em televisão devem ser simples e com um reduzido número de símbolos.

Características dos mapas

Os meios televisivos impõem certas regras à elaboração dos mapas, sendo o formato uma das mais rígidas (4 × 3, na horizontal e na vertical, respectivamente). Evitam-se, assim, imagens desenquadradas, como as que foram vistas num programa televisivo de 2 de Janeiro de 1984, sobre a crise de 1383/85. Elaborado por historiadores portugueses, o mapa, que indicava as localidades que tinham permanecido fiéis ao Mestre de Avis e as que seguiram o rei de Castela, era progressivamente apresentado de Norte para Sul, sem que o telespectador pudesse construir uma imagem de conjunto.

A diluição periférica obriga a que o fundamental da informação se concentre numa área central, correspondente a dois terços da largura e altura da superfície de varrimento da câmara. Por outro lado, o fraco poder de resolução das imagens, em televisão, faz diminuir sensivelmente a informação observada, relativamente aos mapas impressos, embora tenha a vantagem de atenuar pequenas imperfeições do desenho.

Uma vez que há sistemas a cores e outros a preto e branco, o facto implica que os mapas, sendo elaborados a cores, atendam também a que grande número de pessoas os verão a preto e branco (*). Perdem-se, neste caso, a tonalidade e a intensidade (ou saturação) das cores e resta

(*) Em 1987, estavam registados a preto e branco cerca de 1 500 000 televisores, havendo menos de 200 000 a cores. Estes valores devem, todavia, afastar-se da realidade portuguesa: supõe-se que a proporção preto/cor seja fictícia e que o número global de televisores ascenda ao dobro.

apenas o valor para diferenciar os aspectos gráficos (*). Esta última dimensão corresponde à negrura percebida, sendo descrita por parâmetros que exprimem a relação psicofísica preto/branco. Mas o espectro dos cinzentos pode ser também referenciado, em termos meramente físicos, pela reflectância, que define genericamente a razão entre a luz incidente e a reflectida, numa certa superfície. Varia, por isso, de 100 a 0 %, correspondendo estes limiares ao branco e ao preto, respectivamente. A relação entre a reflectância e o valor, isto é, entre o estímulo e a resposta, permitem definir escalas de cinzentos em que estes se encontrem igualmente espaçados do ponto de vista visual.

Seleccionar as cores a utilizar nos mapas e imaginá-las a cinzento não é fácil. Recorre-se, então, aos sistemas de identificação cromática, sendo frequentemente utilizado o de MUNSELL. Na escala de valor nele proposta, há dez níveis visualmente espaçados, crescendo desde o preto (nível 0) até ao branco (nível 10); a curva que descreve a relação reflectância/valor mostra que, na extremidade escura, as diferenças entre os cinzentos são melhor percebidas do que na extremidade oposta.

Contudo, o espectro dos cinzentos é, em televisão, encurtado por não ser possível produzir os seus extremos (teoricamente correspondentes a 100 e 0 % de reflectância) e os níveis claros e escuros tendem a parecer brancos e pretos, respectivamente. A escala de cinzentos varia, por isso, de 70 ou 60 %, consoante se trate de televisores a preto e branco ou a cores, a 3 % de reflectância. Por outro lado, apenas é possível distinguir sete níveis diferentes de cinzentos e só cinco se a imagem a cores é vista em *écran* monocromático (P. S. CALDWELL, 1981, p. 388).

Tal facto não parece levantar problemas adicionais à elaboração, já que estas limitações são convergentes com as variações monocromáticas aceites em mapas impressos, embora, em televisão, os intervalos devam ser provavelmente maiores nos extremos da variação preto/branco do que na parte central.

O contraste de valor da simbologia parece não poder exceder a razão de vinte para um, sem que essas áreas percam certos pormenores e se mascarem com as adjacentes. Quer isto dizer que a parte mais clara da imagem não deverá ser vinte vezes mais clara do que a escura, evitando-se também a presença conjunta de grandes manchas totalmente pretas e brancas.

Há ainda vários problemas ligados às modificações que as cores sofrem. Assim, as cores «quentes» parecem geralmente mais claras e as «frias» mais escuras do que o esperado; os vermelhos são, por outro lado, difíceis de transmitir. Tal como acontece com os mapas impressos a cores, são também complexos os problemas da sua elaboração para televisão.

(*) Sobre a discussão das dimensões psicológicas da cor e da sua utilização em Cartografia, veja-se A. H. ROBINSON (1967) e A. H. ROBINSON *et al.* (1978).

Exemplos de mapas transmitidos pela RTP ()*

A necessidade de utilizar imagens com formato adequado foi uma das razões que levou a RTP a adquirir, num país europeu, um conjunto de mapas, de que se apresenta um exemplo na figura 1 (5), como se não fosse possível produzi-los em Portugal! Com idênticas características gráficas e um reduzido número de meras informações de referência, cada um destes mapas diz respeito a um ou dois países próximos. Estes diapositivos intercalam-se para quebrar a exposição verbal dos noticiários, sem que o conteúdo da informação falada tenha ligação com a imagem, a não ser pela referência ao país. No *Telejornal* de 28/1/1984, por exemplo,



cópia JPeres

Fig. 1 — Mapa de formato normalizado (3 × 4), para ilustrar notícias referentes ao Brasil. Num televisor a cores, este país destaca-se pelo seu tom esverdeado, enquanto os restantes aparecem a alaranjado, e o mar e a rede hidrográfica a azul forte. Em *écran* monocromático, a progressão dos cinzentos aproxima-se bastante da que se pode observar nesta figura.

(*) Os mapas e restantes informações referentes a Portugal foram recolhidos por ANABELA CARVALHO, ANA PAULA NOGUEIRA e LUÍS FILIPE FEITEIRA.

(5) Tanto o desenho como os nomes geográficos foram escrupulosamente respeitados nos quatro exemplos apresentados. Não se corrigiram as imprecisões ortográficas e a transcrição das cores aproxima-se da gradação de cinzentos que é observada em televisor a preto e branco.

o mapa da figura 1 acompanhava uma notícia que se referia ao tráfico de escravos em Tava, no Estado do Ceará, a 300 km de Fortaleza, sem que qualquer uma destas informações nele esteja representada.

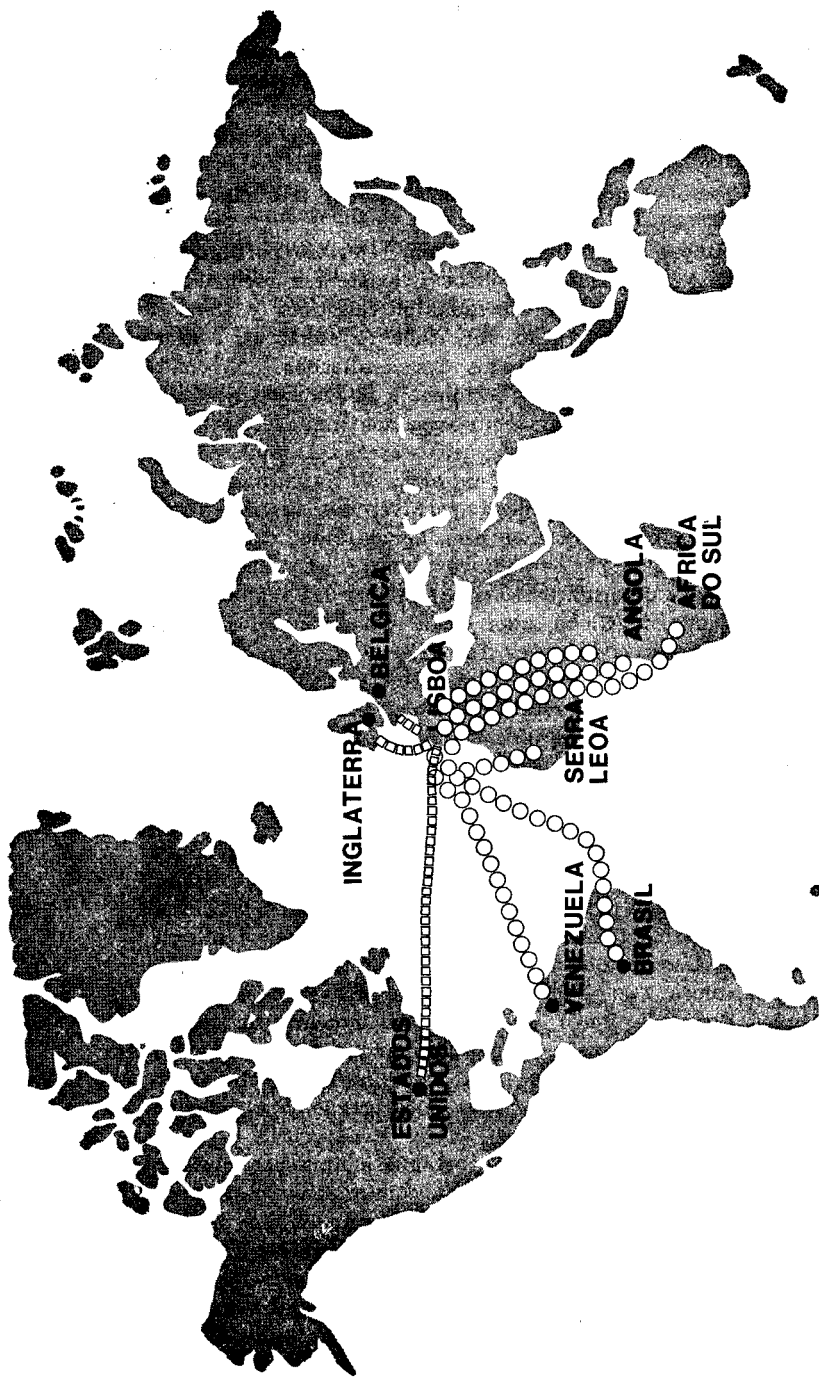
Nestes mapas, a utilização do azul forte, do alaranjado e do verde só parece explicar-se pelo grande número de portugueses que ainda possuem televisor a preto e branco, visto que originam três cinzentos distintos.

Outros tipos de mapas são transmitidos pela televisão portuguesa: alguns são simplesmente reproduzidos de outros já existentes, recorrendo-se frequentemente a mapas murais, de estradas ou turísticos, e ainda a dois ou três atlas de grande divulgação, sobretudo os escolares, com a característica geral de estarem quase todos desactualizados.

Em programas especiais ou em acontecimentos relevantes, previstos com a necessária antecipação, podem ser produzidos mapas para esse fim específico. Então, as informações cartográficas atrás referidas servem de suporte. Está neste caso o planisfério reproduzido na figura 2, em que a criação da ilusão óptica do movimento, através dos círculos e dos quadrados, constitui um efeito atractivo bem aproveitado. Contudo, o fundo do mapa é deficiente, quer por se tratar de uma projecção conforme, caracterizada pelas grandes deformações das superfícies das regiões mais setentrionais e meridionais do Globo, quer ainda pela exagerada generalização dos contornos dos continentes (a África liga-se à Europa, ilhas importantes coalescem com outras e o Báltico torna-se um mar interior). Por outro lado, os países referidos como fornecedores ou consumidores de diamantes não foram delimitados, e só alguns se identificam por um ponto, cuja localização não obedece a qualquer critério.

Os mapas das figuras 3 e 4 são também exemplos de casos em que os acontecimentos noticiados foram previamente preparados, o que não acontece com a maioria das informações de última hora. Estes mapas ilustraram a visita a Portugal do Papa João Paulo II e foram produzidos pela RTP. A chegada a Lisboa (fig. 3) é dada pela rota aérea e o local de aterragem, chegando a pista maior do aeroporto da Portela a atingir a latitude de Peniche! Das localidades visitadas pelo Papa (fig. 4), a televisão portuguesa coloca a capital do país, vista através da Sé, para os lados de Vendas Novas; o Porto, desprovido de monumentos que o embelezem, é uma cidade localizada longe do mar e Coimbra fica a meio-caminho entre a Figueira da Foz e a fronteira espanhola! Esta imagem insólita deve ter surpreendido muitos telespectadores e induzido em erro os que a viram no estrangeiro.

Na realidade, verifica-se na televisão portuguesa uma preocupação crescente de fazer acompanhar certas notícias com mapas, para integração dos factos nos espaços geográficos onde decorrem. O que poderia ser uma atitude louvável (veja-se o interesse que os mapas da previsão do tempo despertam nos telespectadores, mesmo nos mais jovens) traduz, afinal, uma certa incúria. A RTP, tão ciosa da sua imagem pública, deveria recrutar o apoio de técnicos capazes de elaborarem os mapas necessários e com a qualidade desejável, conhecidas as implicações que eles têm junto dos telespectadores portugueses. Só assim se explica a



cópia J.Peres

TRÁFICO DE DIAMANTES

Fig. 2 — Planisfério utilizado para ilustrar uma reportagem sobre o tema indicado. A ilusão de movimento é dada pela sucessão de imagens em que aumenta progressivamente o número de círculos (a branco, no original) e, em seguida, de quadrados (a vermelho), representando a deslocação dos diamantes em direcção a Lisboa, onde são lapidados, e depois para os mercados consumidores.

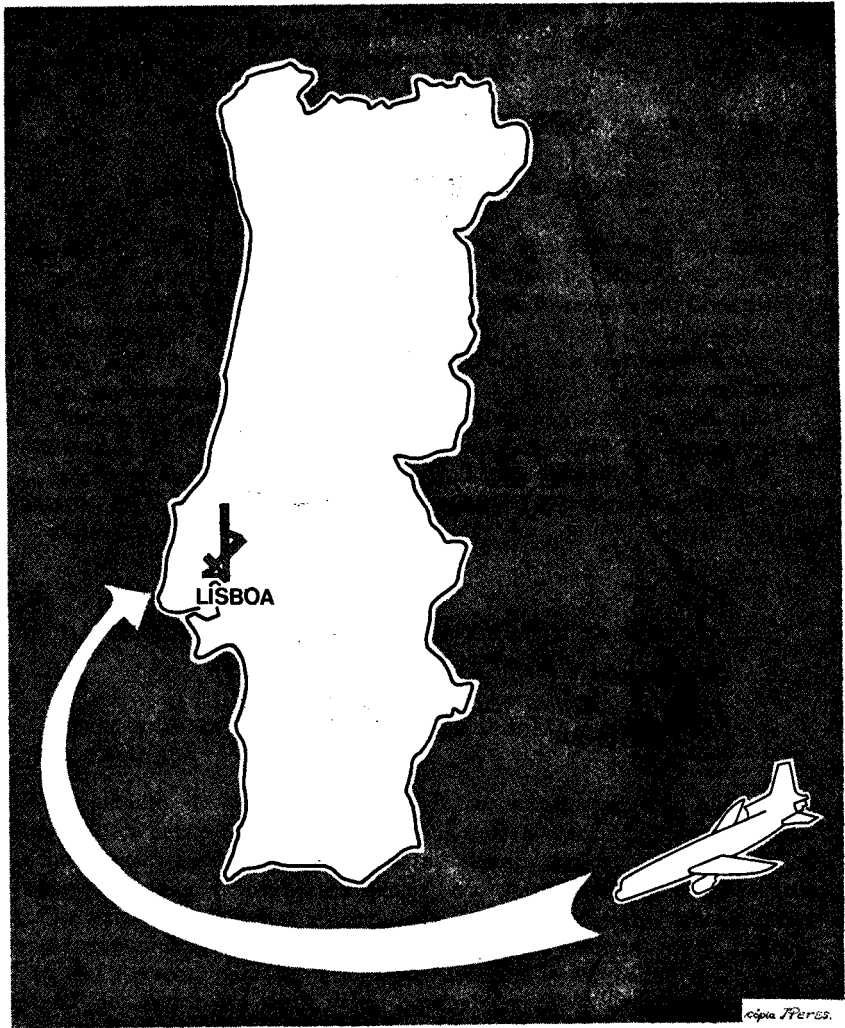


Fig. 3— Mapa que ilustrou, na televisão portuguesa, a chegada do Papa João Paulo II a Portugal. Subaproveitado e com exagerada deformação das dimensões das pistas do aeroporto da Portela de Sacavém (Lisboa).

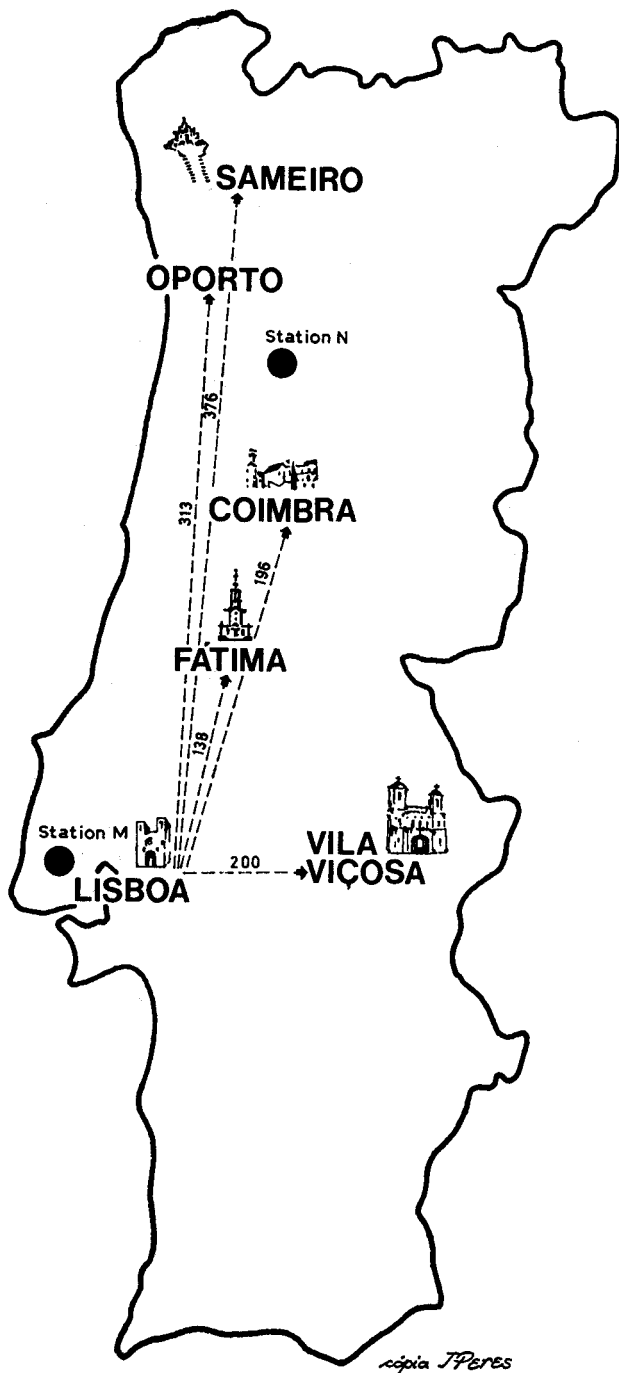


Fig. 4 — Mapa elaborado pela RTP e fornecido à BBC, com a indicação dos locais visitados pelo Papa João Paulo II. Localização incorrecta dos grandes centros urbanos; o Porto não mereceu um símbolo monumental, que no entanto é frequentemente usado (Torre dos Clérigos, por exemplo).

utilização frequente de mapas transmitidos por televisões de outros países, sem tradução, ou dos tão estafados diapositivos, incompletos e imperfeitos, reproduzindo mal aspectos e conceitos geográficos que além de informativos deveriam ser também formativos.

MARIA HELENA DIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CITADAS

- CALDWELL, P. S., 1981, «Television News Maps: The Effects of the Medium on the Map», *Technical Papers, A. C. S. M.*, p. 383-392.
- DAVEAU, S., 1984, «Visão do Mundo, televisão e ensino da Geografia», *Finisterra*, 38, p. 252-256.
- KOLÁČNY, A., 1971, «The Importance of Cartographic Information for the Comprehending of Messages Spread by the Mass Communication Media», *International Yearbook of Cartography*, XI, p. 216-225.
- ROBINSON, A. H., 1967, «Psychological Aspects of Color in Cartography», *International Yearbook of Cartography*, p. 50-59.
- ROBINSON, A. H. *et al.*, 1978 (4ª ed.), *Elements of Cartography*, New York, John Wiley, 448 p.